



(RE)HABITAR A CIDADE: A URGÊNCIA DE UMA ADEQUADA “REHABITAÇÃO” URBANA

António Baptista Coelho ¹

¹ Arquitecto (ESBAL), doutor em Arquitectura (FAUP), Investigador Principal com Habilitação, Chefe do Núcleo de Arquitectura e Urbanismo do LNEC, Pres. Direcção do Grupo Habitar, Av^a do Brasil 101, 1700-066 Lisboa, abc@lnecc.pt

Palavras-chave: Cidade, habitar, ordenamento, habitabilidade.

Sumário: A "rehabitação" dos nossos espaços urbanos passa por diversas matérias ou linhas de actuação fundamentais, entre as quais se sublinham as quatro seguintes: (i) privilegiar a humanização do espaço público; (ii) desenvolver e aplicar localmente uma nova política habitacional; (iii) repensar a cidade como um estimulante jogo de sequências urbanas; e (iv) aproveitar todas as sinergias entre intervenções no espaço público e no edificado.

A ideia de se "rehabitar" a cidade acaba por ter, tanto um certo sentido de melhoria e recuperação de uma cidade mais agradável e mesmo rehabilitada em termos formais e funcionais, como um sentido de uma cidade novamente habitada de uma forma eficaz e adequada. E neste sentido há que ter em conta, seja uma cidade ou uma zona urbana habitada por habitação, seja reconquistada em termos de um habitar, novamente, mais activo, pelas mais diversas outras actividades associadas ao apoio à vivência dos espaços domésticos e dos seus espaços urbanos contíguos.

Uma primeira matéria a considerar na "rehabitação" do espaço urbano liga-se a que certas vias e certos ambientes urbanos e até fortemente residenciais não parecem ter sido feitos para o homem, enquanto outros há, felizmente, onde parece que mesmo na rua estamos em casa, numa perspectiva de verdadeira e sistemática preocupação relativamente á **humanização do espaço público**. O que nos leva à necessidade de criação de áreas mistas de peões e veículos, desenvolvidas em ruas e praças residenciais cuja principal função não é a circulação e o estacionamento automóvel, mas sim o andar a pé e o recreio. Tem sido, assim, aplicado na Europa o conceito de "zona residencial", que se refere não apenas a uma zona de acalmia de tráfego, mas sim a uma área onde as vias são utilizadas para uma ampla gama de actividades além de simplesmente circular e dirigir veículos; pois todos os seus respectivos utentes compartilham o espaço e respeitam os seus muitos usos numa perspectiva de que as ruas são lugares para as pessoas e não apenas para o tráfego.

Uma segunda matéria a considerar na "rehabitação" do espaço urbano refere-se ao **desenvolvimento urgente de uma verdadeira política habitacional**, associada a uma adequação social efectiva das respostas habitacionais, e ao privilegiar do papel urbano dinamizador de todas as novas intervenções residenciais.

É assim fundamental disseminar, estrategicamente, as acções de nova introdução e até de reabilitação de habitação de interesse social, aproveitando as carências significativas ainda existentes para associar tais acções a uma estratégia sistemática de revitalização e requalificação urbanística de âmbito local. Nestas matérias e considerando a grande diversidade de carências habitacionais hoje existentes, seja por parte de famílias seja por parte de de cada vez mais pessoas a habitarem sozinhas ou em pequenos agregados familiares; a própria cidade estabilizada e densificada constitui o quadro estartégico mais adequado para a integração dessa diversidade de oferta tipológica, que, na continuidade urbana, encontra o melhor cenário de integração.

Em toda esta temática há que reconsiderar e reafirmar o protagonismo das tipologias criadoras de vizinhanças, por sua vez criadoras de pequenos ou grandes bairros ou vizinhanças alargadas, num ciclo de imagens e de

usos que diariamente se fecha e de revive num verdadeiro “jogo da glória diário”, e para que assim suceda, ao longo de anos, com interesse e com uma essencial ligação afectiva entre habitante e cidade, há que **arquitectar verdadeiras sequências residenciais e urbanas**, marcando essas vizinhanças e os respectivos e vitais limiares, tanto com um vincado sentido de estrutura, orientação e identidade comum, como com um caracterizado sentido de diversidade equilibrada, de surpresa e mesmo de algum mistério, de apropriação e de natural variabilidade urbana, proporcionando-se cenários conhecidos e vivos, e uma “infinidade” de condições estimulantes de leituras diversificadas e mutantes; condições estas onde há por exemplo até lugar para um certo sentido lúdico, o que é de todo diferente das situações urbanas monótonas, desconexas e tristes que todos conhecemos.



Figura 1: (Re)habitar a cidade: a urgência de uma adequada “rehabitação” urbana

Uma última matéria a considerar na “rehabitação” do espaço urbano liga-se ao **aproveitamento das sinergias entre intervenções no espaço público e no espaço edificado**. E nestas matérias podemos considerar que um habitar potencialmente mais feliz, porque mais humanizado em termos de escala e de expansão sobre o espaço público, terá muito a ver com uma relação aprofundada entre espaço doméstico e espaço cidadão. E uma vida cidadina densa e animada é importante, seja na oferta de ambientes socioculturais estimulantes e que não existem, infelizmente, em muitas famílias, seja para complementar a vida doméstica solitária de tantas pessoas, seja para apoiar a integração de pessoas com problemas socioculturais.

Finalmente, sublinha-se que privilegiar a humanização do espaço público, desenvolver e aplicar localmente uma nova política habitacional, repensar a cidade como um estimulante jogo de sequências urbanas e aproveitar sinergias entre intervenções no espaço público e no edificado, são, afinal matérias totalmente unificadas e que tudo têm a ver, seja com a urgente reabilitação das nossas paisagens urbanas, seja com o essencial respeito que devemos, finalmente, dirigir para um habitar e uma cidade com verdadeiro interesse social.

BIBLIOGRAFIA

- [1] COELHO, António Baptista.– *Habitação e Arquitectura: Contributos para uma habitação e um espaço urbano com mais qualidade*. Lisboa, Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), ITA 12, 2012, 274 p.. – **no prelo**.
- [2] COELHO, António Baptista – *Entre casa e cidade, a humanização do habitar*. Porto, dafne editora, opúsculos N.º 18, 2009, 20 p. issn1646–5253, www.dafne.com.pt/pdf_upload/opusculo_18.pdf.
- [3] COELHO, António Baptista - *Habitação Humanizada: Uma apresentação geral*, Lisboa, LNEC, Memória n.º 836, 2007 (edição em 2008), 40 p.